

INTRODUÇÃO

DEFINIÇÃO DE PROVIDÊNCIA

A palavra portuguesa “providência” vem do latim *providentia*, e a palavra “prover” do latim *providere*. Etimologicamente, a palavra providência significa primeiro “ver antes” ou “ver de antemão”. Posteriormente, a palavra veio a significar o exercício de todo o cuidado e controle que a infinita previsão de Deus de seus próprios fins e seu conhecimento que seus instrumentos apontados podem sugerir.²

A teologia cristã possui *a priori* três verdades, das quais ela não abre mão: *Deus existens*, que tem a ver com a existência tripessoal de Deus; *Deus volens*, que tem a ver com a decisão de formação do seu plano eterno; *Deus agens*, que tem a ver com a ação de Deus na esfera da sucessão temporal executando o seu plano concebido na eternidade.³

O Deus que a Escritura Sagrada apresenta é um Deus criador e que tem grande preocupação com aquilo que cria. Portanto, a doutrina da providência trata de todos os atos externos de Deus que aparecem subsequentemente à criação. Somente as coisas que vieram à existência é que são objeto das obras providenciais de Deus. Essas *opera ad extra* são a execução temporal e sucessiva do seu plano eterno já estudado na doutrina do decreto.

Logo, podemos definir a providência divina como a atividade do Deus triúno por meio da qual ele (a) *provê* as necessidades de suas criaturas, (b) *preserva* todo o universo criado, (c) *dirige* todos os caminhos individualmente, (d) *governa* toda a obra de suas mãos, (e) *retribui* todas as obras más e (f) *concorre* em todos os atos de suas criaturas racionais, sejam atos bons ou maus, de modo que nada escapa ao seu controle.

Em outras palavras, podemos dizer que providência pode ser entendida como Deus não somente trazendo as criaturas à existência para o seu próprio prazer, nem somente decretando todas as coisas que têm de acontecer a elas, depois retirando-se para o céu, deixando as coisas acontecendo por si mesmas. Ao contrário, em

2. A. A. Hodge, *Evangelical Theology* (Edimburgo: Banner of Truth, 1990), p. 31.

3. *Ibid.*, p. 31.

sua sabedoria infinita e em seu poder absoluto, Deus exerce o seu poder sobre si mesmo (como a causa primeira) para fazer tudo o que quer diretamente, e sobre as coisas deste mundo (causas secundárias), como instrumentos seus, para sustentar, dirigir, prover e governar todas as criaturas e circunstâncias, fazendo com que todas as coisas cooperem para a execução plena dos seus propósitos eternos. Isso é o que chamamos de providência divina.

A REALIDADE DA PROVIDÊNCIA

Não há como negar a existência da obra providencial de Deus, porque não há coisas que venham a acontecer por mero acaso na vida deste mundo e, muito menos, na existência individual das pessoas. Aqueles que negam as obras providenciais de Deus acabam caindo num fatalismo ou na ideia do acaso. O fato é que nenhum ser humano pensa que é absolutamente independente dos eventos que acontecem neste mundo. Os seres humanos não possuem controle sobre os eventos do universo e sobre as suas vidas.

O cristão, como lhe deve ser próprio, crê num Deus transcendente e, ao mesmo tempo, imanente, que está envolvido com a sua criação “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3) e, sabedor de que ninguém escapa do controle de Deus, como Paulo, ele também crê que “dele e por meio dele e para ele são todas as cousas” (Rm 11.36).

A providência divina não deve ser vista apenas nos atos agradáveis que acontecem na vida dos homens, como as provisões nas horas de necessidade, mas também nos atos de Deus que implicam sofrimentos e aflições dos seres humanos (o que inclui os seus pecados) que acabam concorrendo, de um lado, para o bem dos que amam a Deus e, de outro lado, para o mal dos que não o amam.

Quando encorajado por sua mulher a amaldiçoar Deus e morrer, por causa dos seus sofrimentos, o crente Jó entendeu que os males de que ele sofria provinham das mãos do Todo-poderoso. Por essa razão, ele replica à sua esposa: “Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10). A mesma perspectiva providencial teve o profeta Oseias, quando sentiu a mão pesada de Deus sobre o seu povo. Então, ele conclama o povo diante da dor: “Vinde, tornemos para o SENHOR, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida, e a ligará” (Os 6.1).

Em sã consciência, nenhum cristão ousará negar a realidade da providência divina na vida de todos os homens. Todavia, somente os cristãos genuínos a reconhecem e por ela dão graças!

O DESPREZO À DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Não obstante a realidade da providência divina, tem havido certo desprezo à doutrina da providência nas últimas décadas no mundo chamado cristão. Ela tem sido esquecida ou negligenciada nos ensinamentos de seminários e das igrejas atualmente, no mínimo, por razões teológicas, mas há razões filosóficas e científicas por trás dessa despreocupação por ela.

Berkouwer escreveu o primeiro capítulo de seu livro sobre a providência falando da crise da doutrina da providência no século 20.⁴ Quase não há nada escrito sobre a providência de Deus nas últimas décadas no Cristianismo histórico, se levarmos em conta a grande importância dessa doutrina. Na língua portuguesa praticamente inexistente qualquer publicação substancial a esse respeito. No entanto, a igreja vai crescendo em tamanho, mas sem o conhecimento da obra providencial de Deus e, por causa dessa lacuna, negativamente falando, vai crescendo também na ignorância desse assunto tão basilar à saúde de sua vida espiritual.

Precisamos devolver à igreja contemporânea o que ela perdeu no século 20, e que foi crido de uma maneira muito vívida desde o período da Reforma do século 16. No período das Confissões de fé protestantes houve uma grande ênfase na doutrina da providência, ênfase essa que terminou no período do escolasticismo protestante. Com muita força as confissões falaram da obra de preservação e governo de Deus sobre todo o universo. Depois, pouco a pouco, o interesse nela foi caindo.

Há algumas razões que, historicamente, levaram a igreja cristã, de um modo geral, a demonstrar certa despreocupação pela doutrina da providência divina.

1) O DESENVOLVIMENTO DO NATURALISMO CIENTÍFICO NO SÉCULO 19

O século 19 foi marcado pelo desenvolvimento da obra missionária e, portanto, da grande expansão da igreja em todos os continentes. Esse é apenas um lado da história. Ao mesmo tempo em que houve um crescimento numérico, houve também um decréscimo na ênfase doutrinária da igreja, que havia sido típico de períodos anteriores. Com esse enfraquecimento, as brechas para as influências externas na vida da igreja começaram a se tornar maiores. Quanto mais aumentava o calcanhar-de-aquiles da igreja, mais atacável ela se tornava. Os ataques do liberalismo teológico emergente começaram a chacoalhar os alicerces da teologia da ortodoxia. Várias doutrinas básicas do Cristianismo foram atacadas violentamente durante essa época.

4. G. C. Berkouwer, *The Providence of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), p. 9-32.

Todavia, mesmo em tempos de crise da igreja, quando outras doutrinas foram objeto de grande crítica (como a doutrina do nascimento virginal, ressurreição e ascensão, que padeceram diante do ataque da teologia liberal nos séculos 19 e 20), a princípio a doutrina da providência não sofreu tanto. Ela foi usada por cristãos que começaram a assimilar o pensamento de um evolucionismo cientificista. Por isso, Berkouwer diz que “a doutrina da providência foi frequentemente usada como outro modo de afirmar a crença na evolução progressiva do homem”.⁵

Isso quer dizer que, pelo menos a princípio, o estudo da providência não sofreu grande abalo nos primeiros tempos do darwinismo. Embora o estudo da providência não tenha sofrido forte abalo naquela época, os fundamentos do Cristianismo foram alterados pelo ensino do evolucionismo. Os efeitos apareceriam mais tarde na fraqueza da teologia cristã minada por um cientificismo humanista.

O estudo da ciência começou dispensando a ideia do Deus presente neste mundo por enfatizar o naturalismo. Todos os fenômenos acontecidos neste mundo passaram a possuir uma causa natural, dentro dele próprio, nunca tendo uma causalidade fora de si mesmo, isto é, na obra providencial de Deus. A natureza começou a ser estudada como autocausada. Em vez de atribuir os fenômenos da natureza a um Princípio causal último que é Deus, os estudiosos começaram a falar da mãe natureza como sendo a explicação causal última das coisas. O nosso mundo tornou-se independente, autônomo e o estudo dos fenômenos físicos ficou trancafiado nas causas naturais.

O aparecimento do estudo das origens das espécies foi apoiado pelo desenvolvimento do deísmo. O deísmo criou o pano de fundo teológico que acobertou o desenvolvimento do evolucionismo. Segundo o deísmo, Deus estava fora deste mundo, sem ter qualquer envolvimento com ele e, portanto, todas as explicações sobre os fenômenos acontecidos no universo tinham de ter sua origem na própria natureza. Não sobrou espaço para Deus por causa do naturalismo científico. Assim, ficou sem sentido o estudo da operação providencial de Deus.

2) O APARECIMENTO DA SUBJETIVIDADE DA RELIGIÃO

Especialmente depois de Friedrich Schleiermacher, tornou-se lugar-comum falar-se na religião como alguma coisa não além da subjetividade humana. Toda a manifestação religiosa não passava de uma erupção de sentimentos vindos do coração do homem. Obviamente, essa manifestação religiosa não era o desenvolvimento do *semen religionis* ensinado por João Calvino em suas *Institutas da Religião Cristã* (porque o estudo da teologia de Calvino foi, na prática, deixado de lado), mas apenas um sentimento da própria subjetividade humana, sem que esta

5. G. C. Berkouwer, *The Providence of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), p. 13.

fosse despertada pela revelação divina que está fora de nós e que causa impacto nos seres humanos.

Embora a religião seja um fenômeno universal entre os humanos – e isso é reconhecido por todos porque a experiência não deixa dúvida – passou-se a crer que ela era apenas uma expressão de nossas necessidades egoístas interiores. Nada mais. Essa corrente filosófica desenvolveu-se com Ludwig Feuerbach, Nietzsche, Marx e Freud.

A ideia da divindade entre os homens nasce em sua subjetividade sem que nunca seja impactada por alguma coisa que proceda de fora deles. Não há revelação divina que provoque qualquer sentimento de religiosidade. A religião é apenas produto do “eu” carente. Feuerbach

explicou a religião como um desejo de projeção egoísta e subjetivo. Analisando a religião empiricamente, Feuerbach chegou à conclusão de que os deuses não foram nada além dos desejos projetados e objetivados. O homem, ele disse, era o começo, o meio e o fim da religião; a teologia era antropologia.⁶

A religião passou a ser um fenômeno puramente humano, sem qualquer relacionamento com alguém de fora da esfera humana. No pensamento de Feuerbach, Deus ficou de fora da religião. Segundo ele, quanto mais se estuda a religião, mais se conhece o homem. É por isso que, na teologia antropológica, a noção da interferência providencial de Deus não tem lugar.

O pensamento de Nietzsche levou à mesma conclusão. Para esse pessimista, a fé era a projeção de um ideal do homem, não a resposta humana à intervenção divina no mundo que ele criou. Deus estava morto na sua filosofia e a religião não tinha nada a ver com a sua ação no mundo dos homens.

Sigmund Freud não conseguiu fugir da subjetividade da religião. Para ele, a religião era uma “projeção do homem cercado e ameaçado pelos poderes da natureza. Sem defesa contra essas ameaças, o homem procurou por lugares de refúgio”.⁷ A ideia da providência divina surgiu da imaginação dos homens. A providência a que ele se refere é apenas uma projeção daquilo que nós fazemos em favor de nós mesmos. Por essa razão, ele disse em uma de suas obras:

Nós dizemos a nós mesmos que é muito bonito, de fato, que haja um Deus criador do mundo, uma doce providência, uma ordem moral e uma vida por vir – mas é digno de nota que tudo isso seja exatamente como deveríamos desejar para nós mesmos.⁸

6. Berkouwer, *The Providence of God*, p. 22.

7. *Ibid.*, p. 22.

8. Sigmund Freud, *Die Zukunft einer Illusion*, 1928, 53 (Berkouwer, *The Providence of God*, p. 22).

Isso é uma projeção de nossos sentimentos, uma ilusão simplesmente, não o resultado da realidade de um Deus presente entre nós, o seu mundo criado. Com esse sentimento interior projetado, os seres humanos vivem e dele se alimentam. Essa é a providência para suas vidas.

Por causa da carência do “eu”, mais tarde, com Karl Marx e o desenvolvimento do materialismo científico do comunismo, a religião veio a ser concebida como o “ópio do povo”, para entorpecê-lo diante dos problemas emergentes. A religião seria apenas uma fuga da miséria e dos males sociais. Marx foi de encontro à ideia da religião porque ele a virou de cabeça para baixo. Ele disse “não” à religião cristã. Todavia, a ideia de religião não desapareceu, mas continuou sendo o anestésico para as dores causadas pelos sofrimentos pessoais e sociais do mundo. Ela permaneceu apenas como expressão da subjetividade humana.

Ora, se a religião é apenas uma projeção dos nossos sentimentos interiores, o que ela tem a ver com a intervenção da providência divina? Nada. A religião depende das nossas sensações interiores e não da resposta ao impacto da revelação divina.

3) A ERUPÇÃO DAS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

Porque a princípio alguns cristãos começaram a esposar os postulados do naturalismo científico, a doutrina da providência não sofreu um ataque muito violento. Por algum tempo a doutrina da providência ainda sobreviveu dentro do Cristianismo histórico. O evolucionismo começou a reinar no século 19, mas a doutrina da providência divina foi preservada quase que intacta até certa altura, quando se deu o irrompimento das duas guerras mundiais e o otimismo em que o mundo vivia com respeito à bondade do homem caiu por terra e, com isso, apareceu a dúvida sobre se Deus continuava a agir providencialmente com bondade em nosso mundo.

Com o desapontamento a respeito da bondade humana após a deflagração dos dois grandes conflitos mundiais, muitas pessoas começaram a pender para o agnosticismo que é o resultado do deísmo. Começou-se a duvidar do envolvimento de Deus com este mundo e de sua participação na história dele. “Em todo lugar dúvidas profundas foram levantadas com respeito à realidade de Deus; os homens não somente negaram a Providência sobre *todas as coisas*, mas ridicularizaram a ideia por apontar para a realidade ao redor de nós.”⁹ Com a derrocada da *belle époque*, surgiram com toda a força os movimentos emergentes do existencialismo. Foi o renascimento do subjetivismo, mas com características de maior incredulidade. No cenário político houve o surgimento do comunismo, que negou a ideia de religião e a considerou como sendo apenas ópio do povo. Desacreditou-se em

9. Berkouwer, *The Providence of God*, p. 14.

Deus em muitos círculos do mundo pensante, à medida que os males sociais se tornaram cada vez maiores.

Nunca houve tempo de tantas tempestades filosóficas em que a confissão da igreja protestante sobre a providência divina tenha sofrido tão sério golpe! Com o surgimento das filosofias e com o aumento dos problemas sociais no mundo, a pregação sobre a providência divina tornou-se inviável porque as pessoas começaram a duvidar de que havia um Deus preocupado com este grande e sofrido universo. Em alguns círculos cristãos, a ortodoxia do Cristianismo entrou em crise e não foi suficientemente forte para reverter a situação. A igreja na Europa estava morrendo à míngua, pois possuía os postulados do liberalismo e, com a perda da fé na bondade humana, ficou sem o suporte que a *belle époque* lhe dava. Berkouwer, um contemporâneo desse tempo de crise, disse que “a confissão da providência de Deus tem se tornado, agora mais do que nunca, uma pedra de tropeço”.¹⁰ Diante das duas grandes catástrofes mundiais, o Cristianismo histórico em algumas terras ficou sem muita coisa que dizer a respeito da providência divina porque, em vez de ater-se aos ensinamentos da Escritura sobre como Deus governa a História, ficou apenas com a experiência amarga dos acontecimentos da época, sem ter explicações para dar aos opositores incrédulos, os adversários do Cristianismo.

O Cristianismo liberal, que ocupava a maior parte das igrejas europeia e americana, falhou em responder as questões levantadas porque abandonou a crença na inspiração das Escrituras e se esqueceu de buscar nela a resposta para os atos providenciais de Deus na História contemporânea. Muitos cristãos sinceros acabaram por ficar na mesma situação do autor do salmo 73 que, observando a prosperidade dos ímpios e o sofrimento de justos, ficou perplexo e duvidou da bondade providencial de Deus. Como o salmista, muitos acabaram entrando em colapso espiritual e houve crise com respeito à soberania de Deus. Eles falharam no entendimento do relacionamento dos juízos parciais de Deus sobre os seres humanos, por causa dos seus pecados. Eles pensaram que Deus tinha a obrigação de impedir qualquer manifestação de maldade na vida dos homens. Olvidaram-se de que a catástrofe que ameaça a vida no mundo frequentemente é uma imposição penal (embora apenas parcial) de Deus sobre o mundo pecador. Eles pensaram humanisticamente sobre a História. Esqueceram-se de que Deus conduz a História que de antemão escreveu. Perderam o sentido da verticalidade da relação Deus-homem.

Quando isso acontece, os seres humanos começam a viver sem propósito na vida. Foi nessa hora que a crise existencial se avolumou e tudo acabou sendo “ vaidade de vaidades”, à semelhança da cosmovisão do antigo Pregador. O fatalismo, então, passou a ser a crença de muitos, não a crença na providência divina.

10. Berkouwer, *The Providence of God*, p. 15.

Berkouwer diz que esse fenômeno passou a ser um resultado da secularização. “Deus é estranho ao homem; e o homem se torna um estranho no mundo de Deus.”¹¹

As duas grandes guerras foram um balde de água fria naqueles que criam num Deus providente e cheio de cuidados pelo mundo. As atrocidades cometidas nas guerras acabaram com as esperanças humanizantes da teologia liberal que já havia dominado as igrejas da Europa e da América do Norte, as duas outrora grandes e pujantes fontes de obra missionária. A ortodoxia protestante foi ficando cada vez mais fraca e, dentro do Cristianismo mundial, perdeu seu interesse pelo estudo da providência divina porque, para muitos cristãos que não haviam sido devidamente educados na doutrina, a providência significava unicamente Deus agindo benévola e agradavelmente na vida dos seres humanos de modo que eles são sempre protegidos e guardados de todo mal. A visão correta de providência desapareceu do conceito de muitos cristãos. Em tempos quando Deus exerce seus juízos parciais sobre os homens, fazendo com que desgraças e infortúnios apareçam na vida deles, as mesmas perguntas acontecem: “Por quê? Até quando? Onde está o Deus dos cristãos?” O grande interesse no estudo da providência sempre está ligado às benesses que ele envia para o mundo. Quando essas benesses desaparecem, pelo menos temporariamente, o interesse pelo estudo da providência frequentemente diminui na teologia da igreja.

11. Berkouwer, *The Providence of God*, p. 19.